

JORNADA MUNDIAL DOS POBRES CONTRA A POBREZA

Frei Bento Domingos, O.P.

1. Durante muito tempo, a Igreja só era notícia devido aos crimes eclesiais da pedofilia. Foi e continua a ser uma questão fundamental e que nunca deverá ser esquecida, como acaba de revelar a Conferência Episcopal Francesa. No entanto, se a Igreja Católica sofreu e sofre por esses factos e pelas suas consequências, esperamos que a Comissão Independente continue o seu trabalho e tenha cada vez mais apoio de todas as instâncias do mundo católico.

Seria, no entanto, um erro grave que essa desgraça paralisasse os movimentos de revisão de vida, de conversão e de inovação missionária. O Papa Francisco é o primeiro a dar o exemplo de prosseguir simultaneamente a renovação da Cúria com o inédito contributo das mulheres, em lugares de decisão, de praticar novas formas de intervir na sociedade, na defesa dos mais esquecidos, na escuta e apoio dos movimentos populares. Suscita iniciativas criadoras no campo do diálogo inter-religioso, na procura de novos caminhos para a paz no meio dos conflitos e violências das guerras e suas trágicas consequências.

Entre o dia 3 e 6, deste mês, o Papa esteve no Bahrain, no Fórum do Diálogo, *Oriente e Ocidente em prol da coexistência humana*. Para além de todos os contactos, fez o discurso de encerramento, cujo alcance exige uma outra crónica.

A pandemia impediu a manifestação de muitas actividades da sociedade e da Igreja. Verificamos, agora, um fervoroso despertar cultural. Para além das referências editoriais que já aqui foram feitas, quero destacar algumas publicações absolutamente notáveis: *Rastos Dominicanos de Portugal para o Mundo*[1]; *A Teologia face aos desafios de África Hoje*[2]; *Valores e Religiosidade em Portugal. Comportamentos e atitudes geracionais*[3]; *Os Dialectos das Imagens: Discursos do Sagrado e do Profano*[4]; *Metamorfose Necessária. Releer São Paulo*[5]. Isto sem esquecer a publicação de *70 Anos do Movimento de Renovação de Arte Religiosa* e a 21ª Edição do Festival Internacional de Música Sacra, a realizar no Vaticano de 12 a 15 deste mês.

Neste Domingo, além de outros acontecimentos relevantes, da sociedade e da Igreja, como seja a Cimeira do Clima, no Egipto (6-18/11/2022), não podemos esquecer a *VI Jornada Mundial dos Pobres* para a erradicação da pobreza sempre vergonhosamente adiada. A Mensagem que lhe dedicou o Papa Francisco precisa de ser meditada para inspirar novas decisões com medidas concretas.

Desde a pregação dos profetas do Antigo Testamento, passando pela radicalização feita por Jesus Cristo e pelo testemunho interpelante da comunidade exemplar de que falam *Os Actos dos Apóstolos* – na qual não havia nenhum indigente porque praticavam, entre eles, a partilha de todos os seus recursos[6] – passando pelas duríssimas denúncias dos chamados Padres da Igreja, contamos com o exemplo irradiante de S. Francisco de Assis e do recém canonizado Irmão Carlos de Foucauld. Sem nunca esquecer as obras de misericórdia de inumeráveis cristãos e não cristãos em todos os tempos. Continua, porém, a verificar-se a triste lamentação do Nazareno perante a visão mesquinha dos seus discípulos: *pobres sempre tereis entre vós!*

Não é uma fatalidade. É apenas a verificação da nossa resistência à erradicação da pobreza desumana e humilhante.

2. O que seria necessário fazer para que a celebração deste Domingo representasse algo de novo e não apenas a repetição de uma data litúrgica sem consequências?

São possíveis várias propostas viáveis. Podia-se começar por organizar a Liturgia da Palavra, a partir de extractos da *Mensagem do Papa para este Domingo*.

Por exemplo, para a 1ª Leitura seria ajustado destacar o contexto actual: «Há alguns meses, o mundo estava a sair da tempestade da pandemia, mostrando sinais de recuperação económica que se esperava voltasse a trazer alívio a milhões de pessoas empobrecidas pela perda do emprego. Abria-se uma nesga de céu sereno que, sem esquecer a tristeza pela perda dos próprios entes queridos, prometia ser possível voltar finalmente às relações interpessoais directas, encontrar-se sem embargos nem restrições. Mas eis que uma nova catástrofe assomou no horizonte, impondo ao mundo um cenário diferente.

«A guerra na Ucrânia veio juntar-se às guerras regionais que, nestes anos, têm produzido morte e destruição. Aqui, porém, o quadro apresenta-se mais complexo devido à intervenção directa duma *superpotência*, que pretende impor a sua vontade contra o princípio da autodeterminação dos povos».

Depois da 1ª leitura, seria o momento de cantar o *Magnificat: Cumulou de bens os famintos e despediu ricos de mãos vazias...*

Para a 2ª Leitura, podia ser a passagem seguinte: «No caso dos pobres, não servem retóricas, mas arregaçar as mangas e pôr em prática a fé através dum envolvimento directo, que não pode ser delegado a ninguém. (...) Entretanto, não se trata de ter um comportamento assistencialista com os pobres, como muitas

vezes acontece; naturalmente é necessário empenhar-se para que a ninguém falte o necessário. Não é o activismo que salva, mas a atenção sincera e generosa que me permite aproximar dum pobre como de um irmão que me estende a mão para que acorde do torpor em que caí».

3. A leitura do Evangelho pode ser mais concreta: «Urge encontrar estradas novas que possam ir além da configuração daquelas políticas sociais "concebidas como uma política *para* os pobres, mas nunca *com* os pobres, nunca *dos* pobres e muito menos inserida num projeto que reúna os povos"[7]. Em vez disso, é preciso tender para assumir a atitude do Apóstolo, que podia escrever aos Coríntios: *Não se trata de, ao aliviar os outros, vos fazer entrar em apuros, mas sim de que haja igualdade* (2Cor 8, 13). É o amor recíproco que nos faz carregar os fardos uns dos outros, para que ninguém seja abandonado ou excluído».

«A pobreza que mata é a miséria, filha da injustiça, da exploração, da violência e da iníqua distribuição dos recursos. É a pobreza desesperada, sem futuro, porque é imposta pela cultura do descarte que não oferece perspectivas nem vias de saída».

A *homilia*, além do convite a uma leitura integral desta Mensagem, deveria procurar que a comunidade encontrasse os caminhos possíveis para a incarnar sem paternalismo clerical.

Esta proposta vai beber à antiga e sempre nova *Regra de Ouro*: faz aos outros o que gostarias que te fizessem a ti nas mesmas circunstâncias.

13 Novembro 2022

[1] Coordenação de: Cristina Costa Gomes e Isabel Murta Pina, José Manuel Fernandes, O.P. e Maria João Pereira Coutinho, Universidade Católica Editora, Lisboa 2022.

[2] I Semana Teológica Internacional de Luanda (STIL), Coordenação de: José Nunes, op. e José Paulo, op

[3] Eduardo Duque, Edições Afrontamento, 2022

[4] Aurélio Lope e Vítor Serrão com Prefácio de Fr. Bento Domingues, Caleidoscópio 2022

[5] José Tolentino Mendonça, Quetzal 2022

[6] Cf. Act 4, 32-35

[7] Francisco, Carta enc. *Fratelli tutti*, 169